

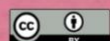
As Danças Circulares como uma possibilidade de intensificação dos processos de form(ação)

The Circle Dances as a possibility of intensifying the subjects' formation processes

Las Danzas Circulares como posibilidad de intensificación de los procesos de formación

POTYRA CURIONE MENEZES, FLÁVIO SOARES ALVES

ISSN 1645-4774 | e-ISSN 2183-038X
<https://www.eduser.ipb.pt>



As Danças Circulares como uma possibilidade de intensificação dos processos de form(ação)

The Circle Dances as a possibility of intensifying the subjects' formation processes

Las Danzas Circulares como posibilidad de intensificación de los procesos de formación

POTYRA CURIONE MENEZES¹

FLÁVIO SOARES ALVES²

¹ UNESP - Universidade Estadual de São Paulo "Júlio Mesquita Filho"; Rio Claro - SP; Brasil;

<https://orcid.org/0000-0002-8580-2074>; potyram@hotmail.com

² UNESP - Universidade Estadual de São Paulo "Júlio Mesquita Filho"; Rio Claro - SP; Brasil;

<https://orcid.org/0000-0002-1698-6535>; flavio.alves@unesp.br

Contribuição

¹ Conceitualização, Metodologia, Investigação, Curadoria de dados, Escrita e Revisão.

² Orientação para os processos de: Conceitualização, Metodologia, Investigação e Curadoria dos dados, bem como Revisão crítica e Comentários acerca da escrita.

Submetido: 28/07/2025

Aceite: 29/11/2025

Publicado: 04/12/2025

RESUMO: Este artigo se inspira em minha dissertação de mestrado que versa sobre os processos de formação de focalizadores/as de Danças Circulares (DC) realizada entre 2020 e 2022. Neste recorte, pretendemos discutir acerca da formação, tomando como ponto de partida os efeitos da prática das DC na intensificação dos processos de formação dos sujeitos que nela se envolvem. Na pesquisa, foram realizadas entrevistas com focalizadores/as de DC e, na dimensão dos procedimentos, buscamos respaldo na Cartografia. Como referencial teórico-conceitual de partida, traçamos aproximações com a estética da existência Foucaultiana. Observamos, através dos relatos, que a disposição circular da dança em roda gera um campo de intensificação que afeta os sujeitos tanto em nível subjetivo quanto coletivo, uma vez que, nesse processo de intensificação da experiência, estamos imersos nos diferentes níveis de relacionamento corporal: a relação de si sobre si mesmo, com o espaço e com os outros.

PALAVRAS-CHAVE: Danças Circulares; Subjetivação; Formação; Estética da existência.

ABSTRACT: This article is inspired by my master's thesis on Circle Dances (CD) carried out between 2020 and 2022. In this clipping, we intend to discuss the formation of subjects through the effects of the CD, which intensify the formation processes of the subjects involved. In that research, we conducted interviews with CD teachers and, in the procedures dimension, sought support from Cartography. As a starting theoretical-conceptual reference, we have traced approximations with Foucault's aesthetics of existence. Based on the reports, we have observed that the circular disposition of the circle dance generates an intensification field that affects the subjects both subjectively and collectively, since in this process of intensifying experience, we are immersed in

different levels of bodily relationship in this process of the experience intensification: the relationship of self with oneself, with space and with others.

KEYWORDS: Circle Dances, Subjectivation; Subjects' formation; Aesthetics of existence.

RESUMEN: Este artículo está inspirado en mi tesis de maestría sobre las Danzas Circulares (DC). En este recorte, pretendemos discutir la formación a partir de los efectos de esta práctica en la intensificación de los procesos de formación de los sujetos involucrados en ella. En la investigación, hemos realizado entrevistas a los focalizadores de DC y, en la dimensión de procedimientos, hemos buscado apoyo en la Cartografía. Como referente teórico-conceptual de partida, hemos trazado aproximaciones con el enfoque estilístico-existencial de Foucault. De acuerdo con los relatos, hemos observado que la disposición circular de la danza circular genera un campo de intensificación que afecta a las personas tanto a nivel subjetivo como colectivo, ya que, en este proceso de intensificación de la experiencia, estamos inmersos en los diferentes niveles de relación corporal: la relación de uno mismo, la relación con el espacio y la relación con los demás.

PALABRAS CLAVE: Danzas Circulares; Subjetivación; Formación; Estética de la existencia.

1. Introdução

Este artigo foi inspirado em minha dissertação de mestrado intitulada “Focalizadores(as) de Danças Circulares Sagradas no Brasil em seus processos de form(ação)”, na qual buscamos revisitar as experiências vividas por focalizadores/as para observar como as Danças Circulares (DC) podem se constituir como uma prática potente de mobilização da subjetividade desses/dessas focalizadores/as, que intensifica o processo de formação desses agentes na direção da composição de uma certa estilística da existência. As DC são uma prática expressiva de dança realizada coletivamente em roda, na qual músicas e danças de diversas partes do mundo, sejam tradicionais ou contemporâneas, podem ser vivenciadas pelos participantes. Essa disposição circular gera um campo de intensificação que afeta os sujeitos tanto em nível subjetivo quanto coletivo. A prática é conduzida por um/uma focalizador/a, o/a qual não só conduz, mas também participa juntamente com todos na roda e que tem a função de “colocar e sustentar o foco”, isto é, de contribuir na intensificação desta experiência expressiva (Ramos, 2017).

No artigo, nos propomos a trazer uma reflexão acerca da formação, tomando como ponto de partida os efeitos da prática das DC na intensificação dos processos de formação dos sujeitos que nela se envolvem, por meio do diálogo entre alguns relatos dos/das focalizadores/as entrevistados/as e a estética da existência/cuidado de si em Foucault (2012).

Desta forma, para contextualizar melhor o leitor sobre a proposta deste artigo, traçaremos, no tópico a seguir, um breve resumo da proposta da referida pesquisa e, no subtópico subsequente, relataremos sucintamente os procedimentos metodológicos em que a mesma se debruça, para que, posteriormente, sigamos com o texto em questão propriamente dito.

2. A pesquisa

Na trajetória dessa pesquisa, percorremos em um exercício analítico em progressivo processo de intensificação que foi se calibrando na composição estabelecida entre as (in)tensões de partida e os devires expressos particularmente em meio aos relatos dos/as focalizadores/as entrevistados/as, por entre semelhanças e singularidades, de maneira que essas análises transcorressem na tentativa de permitir que o olhar se inclinasse na direção das falas dos participantes e que essas nos instigassem às discussões.

O que pretendemos dizer com esse “processo de intensificação” vai ao encontro do que Ferracini (2020) nos diz sobre sua proposta de deslocamentos da palavra “treinamento”, ou seja, para além do “aprendizado de habilidades, também nos leva para uma ideia e um conjunto de práticas que teriam como função uma intensificação de si” (Ferracini at al, 2020, p. 40).

Com o termo “(in)tensões”, o que interessou demarcar é que o que nos move à pesquisa não é uma mera vontade intelectual, racional e objetiva, a qual seria determinada pela palavra “intenções”, mas sim uma demanda visceral que implica corpo amplamente, reclamando pela prática que tensiona em nós, nos mobiliza e transforma.

Tendo em vista um enfoque que busca se esquivar das fôrmas, das verdades prontas e definitivas acerca da formação, interessou-nos buscar, na fala dos/as focalizadores/as, indícios de uma formação outra, mais aberta, produtiva e criativa. Com isso, seguindo as pistas que nos são oferecidas pela abordagem da filosofia da diferença, particularmente aquelas que nos conectam aos estudos Deleuzeanos, não tivemos a pretensão de ordenar os saberes para criar um mundo dado de conhecimento universal, mas sim compor com os relatos, de modo a evidenciar um exercício reflexivo múltiplo que pudesse nos oferecer um leque de infinitas possibilidades, para que pudéssemos refletir, repensar nossas “verdades” e, por que não, transformá-las.

Como delimitação problemática, apoiamos-nos em duas questões centrais: 1) Como a dinâmica relacional das DC pode oferecer espaços potentes de encontro com as forças que intensificam a experiência de si dos/das focalizadores/as? 2) Como a prática das DC pode mobilizar os processos form(ativos) dos/das focalizadores/as de DC?

E como objetivos gerais da pesquisa, propusemos: 1) Investigar processos de form(ação) de focalizadores/as brasileiros/as de DC; 2) Refletir sobre processos de form(ação) à luz da noção de subjetivação.

Ao revisitarmos as experiências dos/das focalizadores/as com as DC em seus processos form(ativos), pudemos perceber que tudo o que faz parte da constituição de sua subjetividade implica diretamente em sua trajetória para se tornar focalizador/a de DC, em suas escolhas e preferências, em sua maneira de focalizar, ou seja, em sua formação. Isso significa dizer que a busca por ser um/uma focalizador/a, enquanto parte de seu processo formativo, se confunde com o seu processo de subjetivação, enquanto sujeitos que se envolvem existencialmente com as DC.

Deste modo, ao realizarmos pesquisas que procuram evidenciar as práticas enquanto ações expressivas, como no caso as DC que propiciam uma atmosfera afetiva na relação com o outro e ao mesmo tempo possibilitam a cada um o cuidado de si (Foucault, 2012), trazendo uma percepção mais aguçada de si mesmo, fornecemos subsídios para instigar reflexões que possam incentivar novas perspectivas no que se refere aos processos formativos dos indivíduos e às relações humanas que podem ser estabelecidas em diversos ambientes: na área da educação, da saúde, no ambiente corporativo, entre outros. Ademais, essa pesquisa pode também propiciar um lugar de reflexão para novos focalizadores/as que pretendam realizar a prática das DC.

2.1. Procedimentos metodológicos

Na dimensão dos procedimentos, a partir da perspectiva de uma pesquisa qualitativa, buscamos dialogar com os estudos Deleuzianos e Guattarianos (1995), particularmente aqueles que nos aproximam do princípio da cartografia como possibilidade de expandir o território a ser vivenciado, na trilha das evidências, tendo a dimensão de realidade como um cruzamento de várias forças que a compõem. E neste jogo, aventurar-se a olhar pelo olho do outro, em um encontro entre o eu e o outro, onde, totalmente implicados, afetamos e somos afetados.

Para uma reflexão em torno do fazer pesquisa por meio de uma atitude cartográfica, trazemos uma apresentação de Deleuze sobre sua proposição acerca da imagem do rizoma:

diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. (...) Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (...) o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. (Deleuze & Guattari, 1995, p. 31)

Como instrumento para a produção de dados, realizamos oito entrevistas individuais, via *Google Meet*, cinco com focalizadoras e três com focalizadores brasileiros/os de DC, cujo tempo de experiência com as DC variou entre 7 e 30 anos, a fim de conhecer sobre seus processos de formação a partir das DC e como isso passou a fazer parte de sua constituição existencial.

Foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a cada um dos entrevistados, os quais foram devidamente assinados pelos participantes e pelo pesquisador responsável, e, posteriormente, submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética e Pesquisa (número do parecer 4.140.538).

As entrevistas transcorreram em forma de um diálogo aberto, a partir da elaboração de um roteiro com questões pertinentes às seguintes indagações: como aconteceu o encontro dos/as focalizadores/as com as DC; como foi acontecendo essa permanência das DC na história de vida de cada um; e como isso afetou sua relação com a vida pessoal e profissional. Após a gravação das entrevistas, realizamos a transcrição de todas elas, tendo a duração média de 90 minutos.

No que se refere às análises, buscamos respaldo na abordagem enativa (Varela et al, 1992), de maneira que as análises transcorreram permitindo que as ações pudessem ir acontecendo e se reestruturando de acordo com as percepções que nos chegassem.

Essas análises se constituíram como uma rede composta por elementos heterogêneos, traçada entre as proposições de partida e os movimentos do devir elaborados efetivamente em campo. E para afirmar esse movimento em rede, buscamos respaldo no conceito de dispositivo, em Foucault. Segundo esse autor, dispositivo é

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (Foucault, 2004, p. 244)

No decorrer das análises das entrevistas, a partir do que foi chamando a nossa atenção, elaboramos as seções em três grandes dispositivos: 1) As relações com o sagrado nas DC; 2) Form(ação) como arte de viver; 3) Corpo, expressão e linguagem na roda das DC.

Sendo assim, especialmente inspirados nessa segunda seção das análises da pesquisa (Form(ação) como arte de viver) – onde buscamos observar, na trajetória de cada focalizador/a, como foram acontecendo seus processos de formação com as DC – escrevemos o texto a seguir, a fim de problematizar o conceito tradicional do que se entende por formação, a partir dos efeitos da prática das DC na intensificação dos processos de formação dos sujeitos que nela se envolvem, à luz do conceito da estética da existência / cuidado de si em Foucault.

3. Formação como arte de viver

Somos seres em constante processo de formação e transformação. Desde que nascemos estamos aprendendo e ensinando o tempo todo, e esse processo está sempre se modificando, se

refazendo, se reciclando, já que estamos em movimento e, portanto, sempre nos (des/re)construindo enquanto seres.

Nesta trajetória formativa do indivíduo, há todo um histórico vivido que não é exclusivamente acadêmico, o que implica que, embora seja a nossa passagem pelo ensino superior que nos valide enquanto profissionais de uma determinada área, tudo o que nos atravessa faz parte de nossa subjetividade e, portanto, também faz parte, de alguma forma, de nossa formação.

Pensar na formação como algo homogeneizante – como se bastasse entrar na escola, adquirir conhecimento específico e sair profissionalmente pronto – “remete à imagem do molde ou da fôrma utilizada para criar formas em série, como se pudéssemos nos isentar de todo um histórico vivido até então, para, a partir dessa validação, “sermos” aquilo em que nos formamos” (Menezes, 2022, p. 32).

Entretanto, como nos permitimos dar vazão a um processo form(ativo) em que nos colocamos como protagonistas, cuja beleza é justamente a expressividade das singularidades e das diferenças, se, via de regra, somos sujeitados a um modelo de formação que não estimula o fluxo espontâneo e criativo de cada sujeito? De que maneira o sujeito poderia sentir-se impulsionado a ir ao encontro de sua(s) “verdade(s)”?

Nos relatos da pesquisa sobre DC que realizamos, pudemos perceber a importância da experiência vivida “em carne e osso” por parte dos dançantes/focalizadores/as, da intensidade e do encantamento com a prática para impulsioná-los em suas buscas existencial-formativas. Como podemos observar nos seguintes excertos:

foi muito impactante mesmo para mim, a minha primeira vivência de dar as mãos na roda (...) e quando aquilo transbordou dentro de mim, que eu podia estar dividindo aquilo (...) era assim intenso, de uma intensidade que na época eu não via obstáculos (...) *Referindo-se à sua formação em DC* (...) eram treinamentos intensivos, a gente ficava uma semana convivendo, geralmente eram mosteiros. (F1, 22/08/2020 – inserção nossa em itálico)

Cada curso que eu comprava, que eu participava, era um investimento pessoal, eu saía diferente, era uma terapia breve. (...) Eu atravesso um portal a cada curso bem escolhido, (...) eu entro mesmo com profundidade e saio diferente daquilo. E aí eu comecei a vislumbrar o que eu queria e comecei a realizar o que eu queria em busca disso. (F3, 28/08/2020)

(...) Na época que comecei a focalizar, não existia isso da formação, isso veio depois. Na verdade, a gente começava a dar dança quando a gente sentia que estava... no meu caso foi essa coisa espontânea que me chamava, foi meio natural. (...) Eu era muito desse lugar do que você sente dentro para fazer esse trabalho. (...) A gente não vai fechar nunca esse lugar da formação. (F6, 09/09/2020)

Neste percurso, em que a intensidade do que é experienciado mobiliza os praticantes a se implicarem cada vez mais com essa prática das DC, transparece uma necessidade quase que imediata de compartilhá-la com outras pessoas, em um movimento espontâneo de realizar e buscar por mais saberes. E o que isso nos revela é o quão potentes são e o quão entrelaçados estão os processos de subjetivação e de formação quando damos passagem ao que nos atravessa e nos permitirmos envolver com aquilo que nos implicamos.

Desta maneira, o processo de formação em DC – que não se dá de forma institucionalizada, ou seja, não há uma instituição credenciada que valida os cursos oferecidos – se encaminha nesta perspectiva da busca pelo conhecimento a partir da experimentação, ou seja, é uma formação que se busca a partir de uma prática anteriormente vivenciada, com a qual o sujeito se implica e que, posteriormente, almeja desenvolver-se mais e ampliar aquela experiência. De forma que, a escolha por este ou aquele curso de formação em DC ocorre pela necessidade de cada indivíduo em relação à proposta de cada curso, já que cada curso de formação tem sua característica própria de acordo

com a ótica do focalizador/a que o está conduzindo, como nos relata, abaixo, uma das focalizadoras da pesquisa:

Uma formação para saber mais sobre DC têm muitas pessoas que dão, mas nada formalizado na tribo da DC. E como cada focalizador tem sua própria bagagem, seu background, cada um dá na sua formação aquilo que vai alimentando a formação ou a bagagem dos outros. É um construir de saberes constante. (F4, 31/08/2020)

É importante ressaltar que todos os participantes dessa pesquisa já tinham uma profissão e que o encontro com as DC os afetou de tal modo subjetiva-profissionalmente que essa prática, de alguma maneira, passou a fazer parte da vida e do labor de cada um, bem como tornou-se, para a maioria deles, uma opção a mais de trabalho, se não a principal.

Tentando responder parcialmente aos questionamentos feitos alguns parágrafos acima, sem a intenção de oferecer uma receita de ação, é justamente às voltas com aquilo que vaza e intensifica a constituição da subjetividade, que podemos dar visibilidade aos movimentos que lapidam modos de ser e agir dos sujeitos, implicando suas vidas no exercício formativo. E é aqui que as práticas, nas quais o sujeito implica-se, vão aparecer como fontes nutridoras desses movimentos pulsantes que são essenciais para dar vazão e aguçar sua percepção no percurso de seus processos de subjetivação e formativos, já que, como pudemos perceber, esses processos estão imbricados um com o outro.

Gallo (2008), ao (re)pensar a Educação, inspirado pelo significado de filosofia para Foucault como sendo “uma maneira de refletir sobre nossa relação com a verdade” e a partir daí “como devemos nos conduzir”, nos dá uma pista para pensar a formação de uma outra maneira: “Produzir Filosofia da Educação com inspiração foucaultiana (...) é operar deslocamentos no pensamento (...) que permita a emergência de novas possibilidades, de caminhos outros...” (*id.*, p.255), vislumbrando um “pensamento aberto, produtivo, criativo, não afeito a verdades prontas e definitivas” (*id.*, p. 256). E é justamente essa tônica que nos inspira a falar sobre formação.

Desta maneira, o termo “form(ação)” nos parece mais apropriado, para desvincularmos o processo formativo desta imagem de “molde” ou “fôrma”. Ao colocarmos em evidência o sufixo “(ação)” pretendemos enfatizar, do percurso formativo, “aquela dimensão de movimento e diferenciação que vaza aos contornos da fôrma, intensificando a relação do sujeito com aquilo que o afeta e o impulsiona a buscar” (Menezes, 2022, p. 32).

Neste sentido, a opção pelo termo “form(ação)” faz toda diferença, uma vez que chama a atenção para uma dimensão form(ativa) que sempre se diferencia e escapa, apontando para uma formação outra, em constante processo de modificação, que intensifica o percurso form(ativo) e evidencia suas singularidades.

Sendo assim, ao procuramos extrair do termo form(ação) seus entrelaçamentos com os processos de subjetivação, buscamos dar visibilidade a um movimento compositivo da existência, o qual orienta nossa atenção para as práticas – as “(ações)” entendidas como singularidades – que vazam da fôrma, colocando-nos como artistas de nosso próprio viver, ou seja, como agentes da lapidação de nossa própria existência.

E para operar esse movimento, que orienta a noção de form(ação) na direção dos processos de subjetivação, uma inflexão faz-se necessária, aquela que aponta para a demarcação de uma negação da formação entendida como “processo de subjetivação externa, heterônoma, constituindo sujeitos para uma máquina social de produção e de reprodução” (Gallo, 2008, p. 259).

Nesta direção, Chaves e Ratto (2018) complementam o pensamento acima ao sugerirem que a riqueza do processo de formação está “na abertura às forças do acontecimento”, na “exposição à diferença” que é “manifestação singular que não se gruda às identidades sociais pré-fabricadas” (Chaves & Ratto, 2018, p.190).

Também nesta perspectiva, Ostetto (2006), em sua tese de doutorado, ao questionar e criticar seu fazer pedagógico e a formação do educador como algo estanque e pouco criativo, busca, nas artes e nas várias linguagens, um fator de sensibilização. E nas DC ela encontra esta possibilidade de ampliar o sentido de formação. Em um projeto de extensão – intitulado “Dança Vida Educação”, dirigido a educadores em exercício e em formação (curso de Pedagogia e Licenciaturas), durante o ano de 1999 – que desenvolvia e coordenava na Universidade Federal de Santa Catarina) em que lecionava entre 1995 e 2012, traz alguns relatos dos participantes, também educadores, dentre eles, este abaixo que nos mostra a importância da experiência vivida na form(ação) do sujeito.

Em nossa formação, o fazer é sempre uma lacuna. O vivenciar, o experimentar é deixado para depois... se experimentamos algo diferente e gostamos, descobrimos potencialidades, nos sentimos mais livres. Foi isso que me aconteceu com as danças. (Educadora, p. 49)

É nesse lugar expressivo que, assim como Ostetto (2006), situamos as DC, como prática que nos instiga e que nos convida a pensar relações de aproximação e atravessamentos entre form(ação) e processos de subjetivação, de maneira que as subjetividades distanciem-se do enquadre das “fôrmas” às quais os sujeitos são sucumbidos em seus próprios percursos formativos. Desta forma, buscamos exercitar um deslocamento do olhar: dos conhecimentos pressupostos – que alicerçam os contornos das formações, entendidas como “fôrmas” – para as práticas – onde a form(ação) se encontra em movimento, em “(ação)” e diferenciação.

Assim sendo, vislumbramos respaldo na estética da existência foucaultiana, ao observar que esse campo teórico-conceitual oferece pistas interessantes para operar esse deslocamento do olhar acima sugerido. Em linhas gerais, a estética da existência inaugura um nível de composição e análise acerca das subjetividades, que nos convida a pensar sobre os labores que operamos sobre nós mesmos para nos tornarmos quem queremos ser. Tais labores orientam todo nosso esforço e atenção na direção das práticas com as quais nos dedicamos e que transformam nossa experiência de si mesmo (Foucault, 1985).

Só para que fique mais claro, essa expressão “si mesmo”, ainda que soe como uma redundância, refere-se a uma flexibilidade, isto é, um retorno, uma conversão de si sobre si mesmo. Deve ser entendido como prática, ou seja, como “uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se constituir, para se elaborar” (Gros, 2008, p. 128). Na leitura de Foucault, esse “si mesmo” esteve em curso na espiritualidade antiga, daí ele ter operado seu esforço genealógico na busca por esse princípio de ação.

Para tangenciar esse “si mesmo”, seguindo a genealogia Foucaultiana, será preciso desnaturar aquela identidade estática tão intimamente incrustada em nós pela moralidade cristã e pela lógica da modernidade. Tal identidade estática insiste em recobrir, reprimir, tolher e moldar nossa identidade aos olhos do “conhece-te a ti mesmo”. Assim, sob o enfoque do conhecimento de si, em detrimento do cuidado, renunciamos a nós mesmos, em função da legitimação da moralidade cristã e da lógica do discurso científico, tal como é talhada na modernidade. Nos domínios de “si mesmo” rompe-se com as tramas do conhecimento devido de si, na busca por uma intensificação da presença para si mesmo, como diria Gros (2008), dialogando com Foucault (1985).

Nestes termos, o “si mesmo” aqui reiterado seria “um exercício de concentração de si sobre si mesmo, não para se oferecer como objeto de observação introspectiva, mas para que seja possível um acompanhar-me” (Gros, 2008, p. 130). Neste sentido, este “si mesmo” refere-se a um “permanecer totalmente presente a si mesmo”, refere-se a um

estar completamente atento às suas próprias capacidades. Este conhecimento de si não divide interiormente o sujeito segundo o fio do conhecimento (sujeito que observa/objeto que é observado); ele é, antes, da ordem de um esforço de vigilância que intensifica a imanência a si mesmo. (Gros, 2008, p. 131)

É deste lugar, atento às práticas que lapidam nossa existência, que pulsa o princípio do “cuidado de si”, princípio que vem à baila a partir da última fase dos estudos foucaultianos, quando volta seu interesse para as tecnologias de si. Não se trata de um princípio egoísta, mas, pelo contrário, implica também o cuidado com o outro. “Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (Foucault, 1985, p. 57), ou seja, o princípio do “cuidado de si” estabelece uma relação ética do sujeito com o meio e com o outro, uma vez que ele não se perde de si mesmo.

Para iniciar a composição de reflexões preliminares acerca desse princípio do cuidado de si, cabe ressaltar que Foucault foi encontrá-lo lá na antiguidade clássica, para mobilizar uma outra relação entre subjetividade e verdade, ainda não recoberta pelas mazelas do dogmatismo cristão e pelo escrutínio depurado e insípido do discurso científico, que, em última análise, exige por renúncia de si mesmo na composição dos conhecimentos. É por intermédio desta filosofia antiga, portanto, que Foucault (1985) nos convida a pensar sobre outras possibilidades do olhar que, ao invés de conhecer, busca protagonizar o exercício do experimentar, entendido como exercício laborioso que nos implica existencialmente no movimento de composição dos conhecimentos.

Dialogando com essa ideia que aproxima a noção de form(ação) a um movimento ético e estilístico de constituição da existência, o princípio do cuidado de si mesmo nos ajuda a pensar na irreducibilidade de uma certa inquietude de nós mesmos, com a qual vamos compondo nossa ética de vida, como expressão de uma certa arte de viver. Na leitura de Quilici (2015), essa inquietude de nós mesmos é o ponto de fusão entre arte, vida e espaço, no qual pulsa o cuidado de si mesmo, como movimento essencial à elaboração de nossos modos de ser e agir no mundo.

A inquietude de nós mesmos chama a atenção para o fato de que o exercício da form(ação), em meio ao qual se evidenciam relações entre verdade e subjetividade, extrapola a dimensão meramente intelectual, operada à luz do modelo da representação, haja vista que implica corpo amplamente no ato cognitivo, exigindo que seja operada uma dobra de si sobre si mesmo por meio da qual lapidamos nossa existência.

É importante esclarecer, no entanto, que esse retorno, na atualidade, ao princípio do cuidado de si não significa um elogio à filosofia antiga como exemplo a ser seguido, mas, minimamente, nos convida a pensar o seguinte: nem tudo, na modernidade, precisa estar subjugado ao conhecimento! Essa mesma disposição epistemológica vale também para pensar acerca da formação. Neste sentido, o enfoque do cuidado de si nos ajuda a afirmar a form(ação) como espaço intensivo de elaboração da existência, que dá vez e voz à uma dimensão mais ética e estética, amplamente intrincada com a elaboração da nossa própria arte de viver.

Foucault traz aos tempos modernos as práticas de si da cultura greco-romana antiga, pois diferentemente deste momento em que vivemos, conhecimento e ética não se separam lá, onde o conhecer está subordinado ao cuidado de si mesmo por um sujeito da ação, ético, que se constrói, se transforma, como “exercícios espirituais” que levam à elaboração de modos de vida, de existência, através da arte de viver. Não é um exercício fácil, é uma conquista difícil. É um exercício de apelo à vigilância e à atenção e NÃO à decifração da natureza secreta (Stone, 2018, p.188).

Sendo assim, mesmo não trazendo a filosofia antiga como um exemplo a ser seguido, de acordo com Gros (2008), saber que em outros tempos o cuidado de si se apresentava como uma arte de viver, nos faz pensar sobre a questão de como estruturamos a relação com a gente mesmo, podendo-se compreender o cuidado de si como um agenciador político no sujeito ético. Eis aí a grande valia desse retorno, como podemos perceber de acordo com Foucault em uma entrevista realizada por Dreyfus e Rabinow:

Dentre as invenções culturais da humanidade, há um tesouro de dispositivos, técnicas, ideias, procedimentos etc., que não pode ser exatamente reativado, mas que, pelo menos, constitui,

ou ajuda a constituir, um certo ponto de vista que pode ser bastante útil como uma ferramenta para a análise do que ocorre hoje em dia – e para mudá-lo. (Foucault, citado em Dreyfus & Rabinow, 1995, pp. 260-261)

O que nos interessa do princípio do cuidado de si é destacar sua natureza movente, que intensifica a experiência de composição das verdades postas em jogo em nossos percursos formativos. É deste lugar, em movimento, de onde pulsa o princípio do cuidado de si, que tangenciamos nosso potencial criativo, que afirma nossos próprios modos de transformação da existência. E é neste lugar pulsante, portanto, que precisamos de práticas que estimulem o sensível e a criatividade, práticas de si que constituem o sujeito através de suas experiências, em seus processos de subjetivação, de governo de si, que implicam a relação consigo e com os outros em uma forma de existência ética e estética (Foucault, 2012).

É justamente por isso que, muito mais do que conhecimentos, o foco na form(ação) precisará se atentar para as práticas, ou seja, para os exercícios que impomos de nós para nós mesmos para elaboração de nossas próprias existências. Isso porque, quando estamos imersos nas intensidades das práticas, rompemos com o modelo de sermos simplesmente “absorvedores passivos” de conhecimentos prévios, de modo a evidenciar a dinâmica relacional em constante processo de modificação e diferenciação em cena durante a prática. E é exatamente nesta dimensão em movimento, durante a prática que se instala furtiva, que as dimensões ética e estética intensificam os processos form(ativos), colorindo-os de uma certa singularidade sempre em processo de atualização.

Uma atitude interessante para ajudar a tangenciar à essa inquietude de nós mesmos é abrimos mão da previsibilidade e darmos vazão à nossa vulnerabilidade, por meio da qual acolhemos mais amplamente tudo aquilo que advém, não só na relação que estabelecemos com nosso próprio corpo, como também com o espaço e com os outros. Segundo Rolnik (2006) “a vulnerabilidade é condição para que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens pré-estabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência e os contornos cambiantes de nossa subjetividade” (Rolnik, 2006, p.2).

Neste contexto, a vulnerabilidade é vista como atitude que garante ao cuidado de si uma articulação social que expande a inquietude de si para outros domínios relacionais, integrando-o em uma coletividade. Mostrando nossas fragilidades e limitações, “ganhamos em potência aquilo que, aparentemente, perdemos em imagem idealizada de nós mesmos” (Chaves & Ratto, 2018, p. 194). No processo de desidentificação, de abertura ao desconhecido, ao inesperado, à “desordem”, ao conflito e no encontro com a alteridade, podemos inventar novos caminhos e viver intensamente algo novo.

Os mesmos autores trazem ainda uma reflexão muito interessante para o campo da educação, a partir do pensamento, já mencionado, de Guattari e Rolnik (1999) no que se refere à saúde, bem como pautada no pensamento de Deleuze (1991):

Educar na perspectiva do acontecimento, diferentemente de conformar uma subjetividade aos modelos ideais estabelecidos, consiste em abrir a subjetividade à afecção pelo mundo, numa aposta nas forças ativas do próprio mundo como potência transformadora. Trata-se de abertura ao devir criador das formas, e não à formação pautada pelo dever ser moral. A educação passa a ser entendida como exercício de vulnerabilidade, de abertura às forças do acontecimento, capazes de desfazer a organicidade dos territórios existenciais, forçando-os à diferenciação. A aprendizagem se dá quando conseguimos romper com as amarras institucionais, por linhas não formais, por fatores de exposição à diferença. (Chaves & Ratto, 2018, p. 190)

Na prática das DC, assim como na vida, nos deparamos com adversidades e limitações. Na roda, cada um tem que lidar com as suas questões individuais e ao mesmo tempo estar atento e receptivo para lidar com o que vem do outro, do meio, e, assim, aprender que o aprendizado só acontece de fato quando nos abrimos e entregamos ao jogo relacional da existência da gente com a gente mesmo, da gente com o meio e da gente com o outro, sem pré-julgamentos. Por isso, apesar de também encontramos dificuldades em relação a nós mesmos e ao outro nas DC, é preciso seguir fluindo e permitindo que a vulnerabilidade, o tensionamento, a desacomodação nos mostrem a possibilidade de novos caminhos – diferentemente do que ocorre no processo de formação convencional – para uma form(ação) que vaza da fôrma e que promove transformações.

Desta forma, é importante atentar-se ao fato de que a subjetividade pautada nos modelos e padrões é alienada, e a vulnerabilidade é um ato de resistência a essa subjetivação alienada em massa. Portanto, a subjetividade autêntica, a que nos referimos, protagonizada por nós mesmos, é “como aquilo que efetiva o modo singular que cada um de nós tem de viver e/ou experimentar os acontecimentos da vida” (Chaves & Ratto, 2018, p.190).

É preciso acolhermos a vulnerabilidade com a qual nos deparamos e que faz parte dos processos de transformação, transgredir e adquirir potências para “as linhas de fuga”, que, segundo Deleuze e Guattari (1995, p.31), seria a “desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.” No entanto, viver o estranhamento e vivenciar o estado de vulnerabilidade não é fácil, é um processo de sofrimento, pois não é previsível, é da ordem daquilo que vaza.

Então, se viver a impermanência é algo “sofrível”, que “vantagens” levamos ao nos abrimos a essa experiência? Não temos a resposta única e diretiva para esta questão e, talvez, mais interessante que dar a ela uma resposta, será respondê-la com outra pergunta: como vamos saber se gostamos ou não de algo se não provamos ou como vamos conhecer algo novo se não nos abrimos a novas experiências?

Foucault, em 1975, é entrevistado em um programa tradicional do rádio francês, *Radioscopie*, e, dentre outras questões, é indagado sobre sua docência e sobre a aprendizagem. Em sua resposta, além de trazer essa questão do ensino/aprendizagem como uma relação de poder que se estabelece, geralmente, entre mestre/aprendiz, e que busca problematizar, ele ainda completa:

A primeira coisa que se deve aprender ao estudar qualquer coisa é que o saber é ligado profundamente ao prazer. Há, certamente, uma maneira de erotizar o saber, de torná-lo intensamente agradável. Parece que o professor nem sequer é capaz de revelar isso. O professor parece ter por função demonstrar como o saber é desagradável, triste, cinzento. Creio que certamente há razões para tanto, mas é fundamental saber o porquê de nossa sociedade mostrar que o saber é triste, basta ver o número de pessoas que são excluídas do saber... Eu creio que há um prazer intrínseco ao saber. (Foucault, citado em Pereira, 2019, p.6) Este sentido que Foucault traz do saber estar ligado ao prazer, vai muito na direção da etimologia do verbo saber. Vejamos abaixo:

O radical (a raiz) de saber é o verbo latino *sapere*, que inicialmente tinha vários significados, como conhecer por meio do sabor, do paladar, do tato (...). Do latim *sapere* originou-se *sapere* (= a gosto) e que gerou, em português, sabor. (Zimerman, 2009, p.222)

Traçando, então, esta relação entre saber e sabor, podemos entender por que o saber é algo que só se conhece, de fato, experimentando. Ora, só se sabe o sabor de algo saboreando. Então, essa relação intrínseca que se estabelece entre saber e prazer é legítima, uma vez que é da ordem da experiência, de maneira que, a partir do momento em que saboreio um novo conhecimento e aquilo me agrada, o saber acontece espontaneamente porque faz sentido.

Assim, encerramos com essa reflexão sobre a relação entre prazer e saber que, às vezes com a questão da form(ação), nos faz pensar na relação de poder que geralmente se estabelece no processo de ensino/aprendizagem no ambiente escolar/acadêmico e, ao mesmo tempo, pensar como a disposição em roda em que se pratica as DC nos coloca todos, dançantes e focalizadores/as, em uma mesma posição equânime e o quanto isso é potente. É claro que o/a focalizador/a ensina os passos para os demais integrantes da roda para depois dançarem juntos, mas, muito mais do que ensinar, o/a focalizador/a tem a função de “colocar o fogo” na roda, de modo a contagiar a todos para juntos sustentarem ou não esse fogo. E isso implica dizer que, muito mais do que executar passos certos, para que a magia da sapiência possa acontecer, é preciso integração, união, respeito, empatia, alegria, envolvimento e, dentre outras tantas coisas, prazer.

4. Considerações finais

Não pretendemos, aqui, fechar essa discussão sobre form(ação), até mesmo porque isso nunca será possível, mas, pelo contrário, deixá-la em aberto, trazendo uma certa inquietação para que o leitor possa questionar-se acerca de como o conceito de formação se apresenta, via de regra, e da possibilidade de outros olhares nessa direção.

Desta forma, nos propusemos a mobilizar um exercício reflexivo que tomou como ponto de partida alguns relatos e análises pertencentes ao trabalho de campo da dissertação de mestrado anteriormente mencionada e algumas discussões sobre os estudos foucaultianos acerca da noção de cuidado de si, também presentes na referida pesquisa, a fim de buscar pistas para tangenciar uma certa estética da existência no que se refere ao que entendemos por form(ação).

Sendo assim, tentando responder as duas questões centrais da referida dissertação - 1. Como a dinâmica relacional das DC pode oferecer espaços potentes de encontro com as forças que intensificam a experiência de si dos/das focalizadores/as? 2. Como a prática das DC pode mobilizar os processos form(ativos) dos/das focalizadores/as de DC? - ao revisitarmos as experiências dos/das focalizadores/as com as DC em seus processos form(ativos), entendemos que a implicação desses sujeitos com a prática das DC desencadeia a intensificação da experiência de si, ou seja, de seu processo de subjetividade e tudo o que faz parte da constituição de sua subjetividade implica em sua trajetória para se tornar focalizador/a de DC, ou seja, em sua form(ação). Isso significa dizer que a busca por ser um/uma focalizador/a, enquanto parte de seu processo form(ativo), se confunde com o seu processo de subjetivação, enquanto pessoas que se envolvem existencialmente com as DC.

A partir desta compreensão, em consonância com os pensamentos foucaultianos, ousamos afirmar que é por meio das práticas, com as quais nos implicamos para a elaboração de nossas próprias existências, que damos passagem aos nossos processos form(ativos), uma vez que, quando estamos imersos nas intensidades das práticas, rompemos com os conhecimentos prévios, de modo a evidenciar a dinâmica relacional em constante processo de modificação e diferenciação em cena durante a prática. Por isso, entendemos form(ação), neste trabalho, enquanto aquela que não cabe na fôrma, como algo que se constitui a partir da experiência com a prática em que os sujeitos se veem implicados.

Gostaríamos, por fim, de enfatizar a importância de Foucault voltar o olhar para o “cuidado de si”, entendendo ser vital esse olhar e dedicação mais atentos a si mesmo para que possamos nos aventurar - em uma outra relação com a verdade, em um constante processo de autoconstituição - a experimentar aquilo com o que verdadeiramente nos implicamos e viver de maneira mais plena enquanto sujeitos éticos. Isso significa dizer que, ao se implicar com as práticas que o instiga, o sujeito estabelece uma relação ética com o meio e com o outro, uma vez que ele não se perde de si

mesmo. Segundo esse filósofo, acerca dessa relação ética do sujeito: “Ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida” (Foucault, 2006, p.6010).

É nessa trajetória de vida que o saber floresce. É só uma questão de tempo..., o tempo de cada um.

Agradecimentos e Financiamento

Agradeço à UNESP, ao Programa de Desenvolvimento Humano e Tecnologias e à CAPES pelo suporte para a realização da referida pesquisa, a qual foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- Chaves, S. E. & Ratto, C. G. (2018, jan./mar.). Fronteiras da formação em saúde: notas sobre a potência da vulnerabilidade. 22(64), pp. 189-98. *Interface*. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0697>
- Deleuze, G. (1991). Instintos e instituições In: C. H. Escobar (org.). *Dossier Deleuze*. (pp. 134-137). Hólon.
- Deleuze, G. (2006). *Diferença e Repetição*. (2ª ed.). Graal.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 1). Editora 34.
- Dreyfus, H. & Rabinow, P. (1995). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. (Entrevista, p. 6, 2’38” a 4’20”). Forense Universitária. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v37i0.791>
- Ferracini, R., Hirson, R. S. & Colla, A. C. (2020). O conceito/ação de treinamento e seus deslocamentos. In: R. Ferracini, R. Hirson & A. C. Colla (orgs.). *Práticas teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos*. Editora Unicamp.
- Foucault, M. (1985). *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. (M. T. C. Albuquerque trad.) Graal.
- Foucault, M. (2004). Sobre a História da sexualidade. In: R. Machado (Org., trad.). *Microfísica do poder*. (20ª ed. Cap. XVI). Graal.
- Foucault, M. (2006). *A Hermenêutica do Sujeito*. (2ª ed.). Martins Fontes.
- Foucault, M. (2012). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: M. B. da Mota (org.) *Foucault, Michel. Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade e política*. (3ª ed., E. Monteiro & I.A. D. Barbosa Trad., pp. 258-280). Forense Universitária.
- Gallo, S. (2008). (Re)pensar a Educação. In: A. Veiga-Neto & M. Rago (orgs.). *Figuras de Foucault*. (pp. 251 – 260). Autêntica.
- Gros, F. (2008). O cuidado de si em Michel Foucault. In: A. Veiga-Neto & M. Rago (orgs.). *Figuras de Foucault*. (pp. 127 – 138). Autêntica.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1999). *Micropolítica: cartografias do desejo*. (5ª ed.). Vozes.
- Menezes, P. C. *Focalizadores(as) de Danças Circulares Sagradas no Brasil em seus processos de form(ação)*. (2022). (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias – UNESP campus de Rio Claro). Repositório da UNESP. <https://repositorio.unesp.br/items/76037cd7-7cd7-42d8-8445-9868370d6b5a>
- Ostetto, L. E. (2006). *Educadores na roda da dança: formação-transformação*. (Tese de Doutorado em Educação - UNICAMP). Repositório da UNICAMP. <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/362888>
- Pereira, D. S. (2019). Docência, escola e escolarização – uma entrevista de Michel Foucault para a Periscope em 1975. (v. 37). *Horizontes*. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v37i0.791>

- Quilici, C. S. (2015). *O Ator-performer e as Poéticas da Transformação de si*. Annablume.
- Ramos, R. C. (2017). *Quais as dicas para um Focalizador de Danças Circulares?* Canal Consciência Próspera. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RQoHsgN0TiY>
- Ronilk, S. (2006). *Geopolítica da cafetinagem*. In: Núcleo de estudos da subjetividade – Suely Rolnik. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>
- Stone, B. E. (2018). Subjetividade e Verdade. In: D. Taylor (Ed.). *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. (pp. 185-202). Vozes.
- Varela, F., Thompson, E. & Rosch, E. (1992). *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Artmed.
- Zimerman, D. E. (2009). *Etimologia de Termos Psicanalíticos*. Artmed.